



Coração Habitado

**Aqui estão as mãos.
São os mais belos sinais da terra.
Os anjos nascem aqui:
frescos, matinais, quase de orvalho,
de coração alegre e povoado.**

**Ponho nelas a minha boca,
respiro o sangue, o seu rumor branco,
aqueço-as por dentro, abandonadas
nas minhas, as pequenas mãos do mundo.**

**Alguns pensam que são as mãos de deus
— eu sei que são as mãos de um homem,
trémulas barcaças onde a água,
a tristeza e as quatro estações
penetram, indiferentemente.**

**Não lhes toquem: são amor e bondade.
Mais ainda: cheiram a madressilva.
São o primeiro homem, a primeira mulher.
E amanhece.**



**Entre os teus lábios
é que a loucura acode,
desce à garganta,
invade a água.**

**No teu peito
é que o pólen do fogo
se junta à nascente,
alastra na sombra.**

**Nos teus flancos
é que a fonte começa
a ser rio de abelhas,
rumor de tigre.**

**Da cintura aos joelhos
é que a areia queima,
o sol é secreto,
cego o silêncio.**

**Deita-te comigo.
Ilumina meus vidros.
Entre lábios e lábios
toda a música é minha.**



O AMOR

**Estou a amar-te como o frio
corta os lábios.**

**A arrancar a raiz
ao mais diminuto dos rios.**

**A inundar-te de facas,
de saliva esperma lume.**

**Estou a rodear de agulhas
a boca mais vulnerável**

**A marcar sobre os teus flancos
o itinerário da espuma**

Assim é o amor: mortal e navegável.



As Amoras

**O meu país sabe as amoras bravas
no verão.
Ninguém ignora que não é grande,
nem inteligente, nem elegante o meu país,
mas tem esta voz doce
de quem acorda cedo para cantar nas silvas.
Raramente falei do meu país, talvez
nem goste dele, mas quando um amigo
me traz amoras bravas
os seus muros parecem-me brancos,
reparo que também no meu país o céu é azul.**



Adeus

**Já gastámos as palavras pela rua, meu amor,
e o que nos ficou não chega
para afastar o frio de quatro paredes.
Gastámos tudo menos o silêncio.
Gastámos os olhos com o sal das lágrimas,
gastámos as mãos à força de as apertarmos,
gastámos o relógio e as pedras das esquinas
em esperas inúteis.**

**Meto as mãos nas algibeiras e não encontro nada.
Antigamente tínhamos tanto para dar um ao outro;
era como se todas as coisas fossem minhas:
quanto mais te dava mais tinha para te dar.
Às vezes tu dizias: os teus olhos são peixes verdes.
E eu acreditava.
Acreditava,
porque ao teu lado
todas as coisas eram possíveis.**

**Mas isso era no tempo dos segredos,
era no tempo em que o teu corpo era um aquário,
era no tempo em que os meus olhos
eram realmente peixes verdes.
Hoje são apenas os meus olhos.
É pouco mas é verdade,
uns olhos como todos os outros.**

**Já gastámos as palavras.
Quando agora digo: meu amor,
já não se passa absolutamente nada.
E no entanto, antes das palavras gastas,
tenho a certeza
de que todas as coisas estremeciam
só de murmurar o teu nome
no silêncio do meu coração.**

**Não temos já nada para dar.
Dentro de ti
não há nada que me peça água.
O passado é inútil como um trapo.
E já te disse: as palavras estão gastas.
Adeus.**



Respiro o teu corpo

**Respiro o teu corpo:
sabe a lua-de-água
ao amanhecer,
sabe a cal molhada,
sabe a luz mordida,
sabe a brisa nua,
ao sangue dos rios,
sabe a rosa louca,
ao cair da noite
sabe a pedra amarga,
sabe à minha boca.**



Urgentemente

**É urgente o Amor,
É urgente um barco no mar.**

**É urgente destruir certas palavras
ódio, solidão e crueldade,
alguns lamentos,
muitas espadas.**

**É urgente inventar alegria,
multiplicar os beijos, as searas,
é urgente descobrir rosas e rios
e manhãs claras.**

**Cai o silêncio nos ombros,
e a luz impura até doer.
É urgente o amor,
É urgente permanecer.**



Os amantes sem dinheiro

**Tinham o rosto aberto a quem passava.
Tinham lendas e mitos
e frio no coração.
Tinham jardins onde a lua passeava
de mãos dadas com a água
e um anjo de pedra por irmão.**

**Tinham como toda a gente
o milagre de cada dia
escorrendo pelos telhados;
e olhos de oiro
onde ardiam
os sonhos mais tresmalhados.**

**Tinham fome e sede como os bichos,
e silêncio
à roda dos seus passos.
Mas a cada gesto que faziam
um pássaro nascia dos seus dedos
e deslumbrado penetrava nos espaços.**



As palavras

**São como um cristal,
as palavras.
Algumas, um punhal,
um incêndio.
Outras,
orvalho apenas.**

**Secretas vêm, cheias de memória.
Inseguras navegam:
barcos ou beijos,
as águas estremecem.**

**Desamparadas, inocentes,
leves.
Tecidas são de luz
e são a noite.
E mesmo pálidas
verdes paraísos lembram ainda.**

**Quem as escuta? Quem
as recolhe, assim,
cruéis, desfeitas,
nas suas conchas puras.**

